

15 FEV 1989

28F Saúde

Desabamento no Hospital de Base de Brasília

JORNAL DA TARDE

quase atinge telefonistas

Uma parede caiu e furou o teto entre dois andares

Além dos pacientes, agora as 30 telefonistas do Hospital de Base de Brasília (HBB) também temem por suas vidas. Trabalhando no prédio do pronto-socorro, em reforma desde dezembro, as telefonistas da manhã viram-se ilhadas ontem, quando uma parede do andar térreo desabou e caiu sobre a porta da central telefônica, no subsolo, deixando no teto um buraco de 2 metros de diâmetro. Técnicos do setor de Comunicações do HBB insistem na necessidade de transferência da central para lugar seguro, mas o engenheiro responsável pela obra, Ailton Menezes, considerou o acidente "corriqueiro" e classificou as telefonistas de "exageradas".

Conhecido nacionalmente desde a morte do ex-presidente Tancredo Neves por seu atendimento precário, o HBB levou políticos a afirmarem, na época, que o melhor hospital de Brasília é a ponte aérea. Desde que começou a ser reformado, o HBB vem causando transtor-

nos aos pacientes ali internados. No sábado, as telefonistas alertaram sobre o perigo, quando caiu um pedaço do teto em cima de um dos vasos sanitários do banheiro, acidente que poderia ter sido fatal se houvesse alguém ali na hora. "Estão arrebatando a tubulação para as obras e a água ficou suja, os perninhos atacam e se proliferam nos canteiros e as telefonistas correm sérios riscos", explicou José Jorge, chefe do setor de Comunicações do Hospital.

Enquanto trabalham sob o temor de novos desabamentos, as telefonistas também são obrigadas a conviver com poeira, barulho e companhias extremamente indesejáveis: os ratos. "Trabalhar nestas condições é impossível", afirmou a telefonista Dina Carvalho, grávida de oito meses, quando ainda tentava se recuperar do susto do desabamento.

Os escombros da parede que "fechou" a porta da central telefônica foram rapidamente retirados ontem de manhã

para evitar o flagrante da imprensa. O diretor do hospital, Maurício Cariello, deixou claro que o fato não era de sua responsabilidade, mas, titubeante, não quis dizer quem era o responsável pela segurança. Para o diretor, o caso somente passaria para suas mãos se houvessem vítimas ou um incêndio no equipamento da central.

O engenheiro da Novacap — órgão de obras do governo — Ailton Menezes, negou a informação do chefe do serviço telefônico, Ademar Pires, que insistia na possibilidade de transferência de parte da central. "A central tem de continuar no pronto-socorro porque atende a todo o hospital", explicou Menezes. Ele assegurou que nenhuma medida será tomada para garantir a segurança das telefonistas, uma vez que, segundo ele, o fato "foi normal". Limitou-se apenas a dizer que "é difícil controlar os peões da obra", mas que "todos estão tomando o máximo cuidado".